

JURERÊ INTERNACIONAL: ESPAÇOS PÚBLICOS, INICIATIVA PRIVADA¹

Thaís Henriques Ramos

thazinharamos@gmail.com

Mestranda em Antropologia | PPGA/UFPR

Bolsista CAPES

Resumo: Esta proposta de comunicação tem por objetivo identificar as ambiguidades, conflitos, tensões e contradições contidas nos próprios valores, diversificados, do que seja estar em Jurerê Internacional, localizado na cidade de Florianópolis, Santa Catarina. O espaço se apresenta como uma confluência de variadas concepções, compartilhadas ou não pelos segmentos das elites que ajudaram a constituir o lugar tal qual como é visto hoje: um *empreendimento* imobiliário planejado e executado por uma empresa privada de loteamento de espaço e voltado para moradia e lazer de segmentos mais abastados da população. Nesse contexto é possível observar que coexistem duas diferentes práticas: a dos moradores fixos, em geral famílias, à procura de sossego e tranquilidade, e dos jovens, oriundos de várias partes do Brasil e do mundo, que procuram Jurerê Internacional atraídos por suas badaladas e luxuosas festas que acontecem nos beach clubs à beira-mar e têm grande repercussão na mídia mundial. Enquanto alguns residentes, organizados através da associação de moradores, enunciam um processo indesejável e disruptivo que tem se agravado no bairro, em decorrência das festas, os gestores da loteadora elucidam a continuidade do empreendimento em conformidade com a sua concepção original. A pretensão dessa comunicação é captar os conflitos entre associação de moradores, loteadora do espaço e poder público, pois, se idealmente a fronteira entre as atribuições e ações do Estado e de agentes privados é nítida e estável, as duas esferas se imbricam em vários momentos, o que produz um espaço de autonomia tanto para loteadora quanto para associação, que passam a produzir normatizações próprias.

Palavras chave: Jurerê Internacional; poder público; moradores.

Florianópolis², capital do estado de Santa Catarina, e a segunda³ maior e mais populosa cidade do estado em número de habitantes, está situada na região sul do Brasil. Localizada no litoral catarinense, conta com uma parte insular (90% do seu território) e uma parte continental, incorporada à cidade em 1927, com a construção da ponte Hercílio Luz, que liga ilha ao continente. Atualmente com uma população de 433 mil habitantes e uma área de 675,409 quilômetros quadrados, o número mais que duplica no verão (principalmente no período das festas de fim de ano e carnaval), chegando a aproximadamente um milhão de habitantes. Sua geografia diferenciada (Florianópolis é uma das três capitais insulares do Brasil. As outras são Vitória e São Luís) e o fato de possuir 42 praias em seu território contribuiu para o intenso movimento de turistas⁴.

É possível observar em Florianópolis um fenômeno peculiar, pois há na mesma cidade múltiplos centros urbanos relativamente independentes. Embora haja uma clara concentração urbana principal no centro e arredores, é possível encontrar outras aglomerações urbanas significativas que existem relativamente independentes do centro da cidade, em especial – mas não somente – no verão, como no caso de Jurerê Internacional⁵, que possui uma infraestrutura que possibilita essa relativa independência.

Jurerê Internacional é um *empreendimento* imobiliário planejado e executado pelo grupo empresarial Habitasul⁶ que atua nas áreas imobiliária e industrial. Jurerê Internacional é caracterizado não como um bairro e nem um condomínio fechado, e sim como um *empreendimento*⁷. Situado no norte da ilha, a aproximadamente 25 quilômetros do centro de Florianópolis, tem como vizinhas as praias de Daniela, Jurerê Tradicional – que só passou a se chamar assim após o advento de Jurerê Internacional – e Canasvieiras. O acesso se dá pela rodovia SC 401, ligada à Avenida Beira Mar Norte. A praia que abrange tanto Jurerê Internacional quanto Jurerê Tradicional tem dois quilômetros de extensão e é limitada por dois costões – o de Jurerê Tradicional e o de São José da Ponta Grossa. Não há demarcação formal entre Jurerê Internacional e Tradicional. A divisão – simbólica – se dá através da Avenida das Algas até a Avenida dos Dourados, sendo do lado direito Jurerê Internacional e do lado esquerdo Jurerê Tradicional. O *empreendimento* conta hoje, com aproximadamente mil e quinhentas construções, dentre casas e apartamentos. Com uma população fixa de 3 mil e 600 moradores, o bairro recebe cerca de 8 mil pessoas no verão⁸.

Em 1980, quando os 450 hectares foram adquiridos pela Habitasul, com a primeira aprovação formal da municipalidade, já exist-

¹Esta comunicação é uma compilação de parte do primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado “Jovens, festas e luxo: uma etnografia de um circuito de lazer de elite em Florianópolis/SC”, a ser defendida pelo PPGAS – UFPR, em 28 de novembro de 2014.

²As informações referentes à cidade de Florianópolis foram obtidas através de consulta nos sites do IBGE (<http://www.cidades.ibge.gov.br>) e da prefeitura municipal da cidade (<http://www.pmf.sc.gov.br>). Recuperado em 07 de outubro de 2013.

³Superada apenas por Joinville, ao norte de Santa Catarina.

⁴Ainda que não incida diretamente na grande concentração de turistas, Florianópolis recebeu boa classificação no Índice de Desenvolvimento Humano e de qualidade de vida. Em 2010, foi eleita a terceira cidade do Brasil com o melhor IDH.

⁵Há ainda outros exemplos dentro de Florianópolis como a praia de Canasvieiras e os bairros Campeche e Estreito, além da região metropolitana.

⁶As informações sobre o grupo e sobre Jurerê Internacional foram obtidas através de entrevista com um diretor da Habitasul (realizada em fevereiro de 2014), das minhas incursões pelo *empreendimento* e de pesquisa dos sites: <http://www.jurere.com.br> e <http://www.habitasul.com.br>. Recuperado em 22 de outubro de 2013.

⁷Além de *empreendimento* (em itálico, pois se trata de uma denominação criada pela empresa Habitasul), também utilizei as palavras bairro e praia para me referir à Jurerê Internacional ao longo do texto. Esses termos, no entanto, apresentam significados diferenciados. Enquanto é tido como *empreendimento* pela incorporadora, é visto como bairro e/ou praia pelos moradores e turistas. O que é preciso ressaltar é que Jurerê Internacional não possui barreiras físicas, e os dispositivos que restringem a circulação de pessoas pelo bairro são simbólicos.

⁸Dados obtidos através de consulta ao site <http://floripaamanha.org>. Recuperado em 26 de novembro de 2013.

tia o bairro de Jurerê. O complexo imobiliário, planejado e executado pelo grupo no ano posterior à aquisição, recebeu o acréscimo 'Internacional' ao nome, para se distinguir do referido bairro, que hoje é conhecido como Jurerê Tradicional, em oposição ao Internacional. Conforme o diretor da loteadora:

Em 1980, na década de 80, a praia de Jurerê era a praia mais brega de Florianópolis. [A praia da moda] era Canasvieiras. A praia chique. Os bacanas que frequentavam, tinham suas casas de praia [...] Jurerê era praia brega. Era praia de farofeiro, porque na beira da praia era reflorestado com eucaliptos, pelos antigos proprietários, então era sombra e água fresca. E quando a Habitasul comprou essa área remanescente de uma empresa chamada imobiliária Jurerê, dentro da concepção do projeto, a Habitasul precisava dizer que o que ia ser feito aqui seria algo diferente. Então, na época, a maneira de dizer era o seguinte: é em Jurerê e é diferente, é em Jurerê Internacional.

O espaço urbano formado em Jurerê Internacional se constitui para além de suas casas unifamiliares e prédios. Também fazem parte desse espaço os dois hotéis – *Jurerê Beach Village* e *Il Campanario Villagio Resort*, o *Jurerê Open Shopping*, um *shopping* a céu aberto, e o *Jurerê Sport Center*⁹, um centro de atividades esportivas, além das opções de lazer presentes em meio às ruas do condomínio como parques, praças, ciclovias, passeios etc. A Habitasul também controla o setor comercial de Jurerê Internacional, permitindo ou não a instalação de serviços e comércios em suas estruturas próprias, como o *Jurerê Open Shopping*. A instalação de comércio fora desse espaço pré-determinado é impedida através do Plano Diretor. Todos os serviços oferecidos em Jurerê Internacional, como as casas noturnas e *beach clubs*¹⁰, são fruto de

um acordo de concessão de uso do espaço, fornecido pela Habitasul. Jurerê Internacional também conta com a Estação Ecológica de Carijós, criada em 1987 por decreto federal, e com uma área de 190 hectares de reserva ambiental permanente, composta de manguezal e espécies nativas de animais. A estação (e seus manguezais) – que fica ao lado esquerdo do viaduto de acesso à SC- 402 – está nas proximidades da área residencial de Jurerê e é mantida pelo Ibama.

As mansões e casas de alto padrão não muradas, os poucos apartamentos, bem como as ruas amplas e arborizadas distinguem Jurerê Internacional dos outros bairros de Florianópolis. Conforme descrito no site da Habitasul, “os 59,6 mil metros quadrados de jardins – dispostos por todo o empreendimento – são garantidos pelo rigoroso Plano Diretor local, implantado pela incorporadora há 25 anos”. Dentre as várias normas descritas, há as específicas sobre os padrões de construção exigidos pelo grupo, fazendo com que casas e apartamentos de Jurerê Internacional se assemelhem entre si e diferenciem-se do restante dos bairros e praias de Florianópolis. Por exemplo, quando um proprietário adquire um lote em Jurerê Internacional, além de encaminhar o projeto da casa para ser avaliado pelo órgão responsável da prefeitura, no que se refere a regras para construção de área livre, recuo etc. o projeto – arquitetônico e hidrossanitário – após ser aprovado pela prefeitura, passa pelo setor de engenharia da Habitasul, que o aprova ou exige adequações e/ou modificações, com base em seu Plano Diretor. Essas normas construtivas e o uso do solo constituem o PQD – Programa Institucional de Qualidade Diferenciada – que estabelece todas as normas e diretrizes do *empreendimento*. O diretor da Habitasul conclui: “é para manter a qualidade e o padrão de Jurerê Internacional. O morador não está comprando só o imóvel, ele está comprando todo o padrão de Jurerê”.

É nítido que distinção e *status* são questões de absoluta importância em Jurerê Internacional. Os moradores do *empreendimento*

⁹Todos os nomes são em inglês, contribuindo para reforçar o conceito de *Internacional* que inclusive, dá nome ao *empreendimento*.

¹⁰Recebem essa denominação por estarem situados à beira-mar. O nome em inglês indica a valorização que se dá ao aspecto 'internacional'. Os *beach clubs* e casas noturnas de Jurerê Internacional são frequentados por jovens atraídos pela ideia muito difundida de que as festas no bairro são destinadas à *elite*.

fazem questão de ostentar elementos que os 'mostrem' como pertencendo a uma elite. Isso fica explícito nas suas vestimentas, marcas de carros, atividades de lazer praticadas e nas construções de suas casas. O gestor da loteadora fornece uma explicação sobre o padrão estético de construção das casas e apartamentos de Jurerê Internacional:

Lá no início, a dificuldade que se tinha, é que as pessoas vinham lá com determinado projeto para fazer a sua casa e era um projeto mais simples, tinha muito projeto de engenheiro que era um retângulo, sem nenhum charme. Então no início dos tempos havia até uma dificuldade em provocar as pessoas a fazerem algo diferente. E levou tempo para que as pessoas vissem que não era só comprar um terreno e fazer uma casinha, com duas portinhas, duas janelinhas, projeto de engenheiro. E aí começou a haver um aprimoramento, um requinte, até uma disputa entre quem fazia o projeto mais arrojado, e hoje em dia a dificuldade é exatamente em frear. O que no passado era empurrar, hoje é tentar segurar, porque não há nenhuma restrição quanto ao padrão estético. [...] A Habitusul induziu a construção de algo diferente do que era o padrão da época em Florianópolis.

É possível perceber no discurso, que a Habitusul se considera propulsora de algo diferenciado e que serviu e serve de modelo para toda a cidade de Florianópolis. Observa-se que a diferenciação traz prestígio, mas a 'descaracterização' é vista como perda de status, fazendo com que, ainda que diferentes, as construções sigam um padrão. As casas se distinguem das de outros bairros de Florianópolis pela imponente arquitetura. A estética das residências é tomada como expressão dos gostos e valores dos donos, e também como vitrine. Em Jurerê Internacional, quanto mais opulentas forem as casas, melhor, pois são, juntamente com os jardins, feitas para serem admiradas e exibir variados graus de status. No empreendimento, os endereços, - isto é, ruas com nomes e edificações numeradas -, existem de fato, mas a definição mais utilizada em Jurerê Internacional é: 'Internacional' x 'Tradicional'. Se a arquitetura das casas é singular, os limites e entradas de onde termina o 'Tradicional' e começa o 'Internacional' são sempre indefinidas.

Muitos dos frequentadores do bairro se referem a Jurerê Internacional como o centro do luxo, do *glamour* e do cosmopolitismo. Muitas vezes a fala vem acompanhada de comparações com grandes centros urbanos como Nova Iorque, Berlim, Los Angeles, Londres, ou localidades específicas de alguns países como Ibiza, na Espanha, Punta del Este, no Uruguai, Miami, nos Estados Unidos, Costa Esmeralda, na Itália. O fato de Jurerê receber inúmeros turistas no verão, vindos de várias partes do Brasil e do mundo (predominantemente sul-americanos, europeus e estadunidenses), inclusive com o uso ostensivo de outras línguas além do português, contribui para a imagem de um bairro cosmopolita e multicultural. A própria alcunha 'Internacional', não existe ao acaso, como explicou um dos diretores da Habitusul

Tanto é que a campanha de lançamento de Jurerê criou até certa celeuma, polêmica na cidade, em 1982, porque os cartazes, *outdoors*, falavam assim: 'Prepare seu passaporte: Você está chegando. Jurerê Internacional'. E aí se incitava exemplos de Ibiza, Punta Del Este, Acapulco, Biarritz, uma série de balneários famosos no mundo, daquela época. Hoje são outros, mas naquela época, a nossa referência foi essa.

O próprio *slogan* de criação, enunciado pelo diretor, deixa clara a tentativa de configurar aquele espaço como um novo mundo para a elite, com claras possibilidades de distinção. Ele defende essa ideia ao afirmar: "desde o início nós lutamos para fazer algo diferenciado, para que fosse uma referência mundial". As propagandas (publicitárias ou notícias nos jornais, que acabavam soando como propaganda) noticiavam estereótipos sobre morar em Jurerê Internacional. Caldeira (2000: 264) explica que os anúncios publicitários de venda de imóveis, especialmente condomínios fechados destinados à classe alta, procuram seduzir e para isso, utilizam um repertório de valores, contidos nas palavras e nas imagens, que desperte a sensibilidade do futuro comprador, de modo a atingir seus desejos e lhes permitir acreditar que nesse determinado lugar, há uma vida boa para eles.

Fazendo apelos à ecologia, saúde, ordem,

lazer e, é claro, segurança, os anúncios apresentam os condomínios fechados como o oposto do caos, poluição e perigos da cidade. Essas imagens são compartilhadas por aqueles que decidem deixar o centro para habitar os novos conjuntos, mesmo que sejam situados em áreas com infraestrutura precária e que requerem longas horas no trânsito. [...] Isolamento e distância do centro da cidade e sua intensa vida urbana são tidos como condições para um estilo de vida melhor. Os anúncios comumente se referem à paisagem natural dos empreendimentos, com áreas verdes, parques e lagos, e usam frases com apelos ecológicos. Os condomínios também são frequentemente representados como ilhas instaladas no meio de arredores nobres (Caldeira 2000: 266).

Segundo o diretor, o espaço foi concebido desde o começo para ser um local de residência, veranismo e lazer. “Era uma época em que as pessoas tiravam 3 meses de férias, se ia em dezembro pra praia e se voltava em março... era outro tempo, outra cultura, outro momento, outra forma de veranejar, outra maneira de ir à praia”, ressalta. Ele prossegue:

Nós podemos dizer realmente que isso aqui virou um case de sucesso. Porque nós temos as pessoas que moram, nós temos as pessoas que veraneiam e isso aqui se transformou em um local de lazer de juventude. Dentro daquilo que a Habitusul imaginou há 33 anos, nós estamos conseguindo honrar o compromisso assumido com quem acreditou no nosso projeto.

Sua visão contrasta fortemente com a de integrantes da AJIN¹¹ – associação dos moradores de Jurerê Internacional. Segundo um deles, residente há 16 anos, a Habitusul vendeu Jurerê Internacional para os primeiros moradores como um local de paz e sossego.

A ideia que a Habitusul passou para os moradores no começo é de que Jurerê Internacional seria um bairro, com paz tranquilidade, harmonia etc. para se morar. Então muitos velhinhos foram para lá morar. A pessoa se aposentava e ia morar lá. Inclui-se quando eu fui morar lá era um bairro assim de... tranquilo. Você saía na rua era tranquilo, não tinha assalto, não tinha furto, não tinha ladrão, não tinha nada. [...] Nada. Em 2005, o que eram os restaurantezinhos lá, foram transformados nos *beach clubs*... Sacanagem da Habitusul, a Habitusul é bandida. E isso não sou eu que estou dizen-

do. Um monte de gente lá diz. [...] Eles começaram a manipular, ou seja, fizeram um loteamento, venderam para pessoas com dinheiro, essas pessoas foram lá, construíram casas lindas, maravilhosas, que você deve conhecer, e agora, ‘bom, como é que nós vamos continuar ganhando dinheiro?’ ‘Nós construímos hotéis, têm dois hotéis lá, pelo menos, com 200 apartamentos cada um, aí o apartamento eu vou e vendo para você, como sendo um local maravilhoso, e você compra. Aí você compra porque ‘po, vou passar o verão ali, com meu filhinho, com a minha esposa’. Aí você compra. De repente eles pegam os restaurantes, que eram da praia, eram postos de praia, transformam em clube de praia, promovem isso internacionalmente, investem dinheiro... rola droga, rola prostituição, rola de tudo naquilo lá, você deve ter visto, não preciso te dizer, né? E aí, aquilo que era o apartamento que você compra pra ir lá passar com a sua família, vira um motel, onde os caras com dinheiro vão lá, levam a mulherada, desculpa o termo, levam as putas... As casas de Jurerê, muita gente não mora ali, tem ali, a casa, para passar o verão, mas tem hoje já 1.200 casas de pessoas que moram ali.

¹¹As informações sobre a AJIN foram extraídas, além de entrevista com associados e o presidente, de consulta ao site: <http://www.ajin.org.br>. Recuperado em 22 de outubro de 2013. A entrevista com o presidente foi realizada em fevereiro de 2014. Em maio do mesmo ano foi eleita a nova diretoria executiva da AJIN. Desse modo, ressalto que as informações aqui obtidas referem-se ao presidente que estava em exercício à época em que a entrevista foi realizada. A AJIN foi fundada em 1 de dezembro de 1986. Sua sede administrativa está localizada em Jurerê Internacional. A AJIN descreve a si mesma como uma associação que tem por finalidade proporcionar a manutenção do *empreendimento* mediante organização, planejamento, controle e execução de ações que visem o desenvolvimento da infra-estrutura, turismo, preservação ambiental, comércio, lazer, serviços, segurança, conservação, jardinagem e concepção arquitetônica e estética. As 600 famílias associadas têm como atribuição pagar uma taxa de manutenção, que é proporcional ao somatório de metros quadrados dos terrenos ou suas frações e das áreas totais das construções e uma taxa de segurança, que tem valor idêntico para todos os associados. O conselho deliberativo da AJIN é composto por 33 membros efetivos, eleitos pelos associados em assembleia e com mandato de três anos. Já a diretoria executiva, com mandato de um ano, é composta por oito membros nos cargos de presidente, vice-presidente, diretor operacional, diretor financeiro, diretor sócio-cultural, diretor de esportes e lazer, diretor jurídico e diretor de comunicação social.

Se os espaços públicos possibilitam que diferentes pessoas se encontrem e compartilhem, material e simbolicamente, a cidade, espaços como Jurerê Internacional possibilitam o encontro não de iguais, mas de pessoas que até certo ponto compartilham experiências, projetos e *ethos* semelhantes. No entanto, as relações vividas nesses espaços não estão imunes a conflitos e estigmatizações. Outros moradores e associados da AJIN compartilham esse descontentamento. Os moradores que afirmavam que Jurerê Internacional havia sido projetado – e vendido – para ser um local de descanso e tranquilidade, não apenas se incomodavam com as *baladas* constantes, mas encontravam-se simbolicamente excluídos dos agitos que afirmavam não tolerar, ainda que geograficamente inscritos no local onde as festas ocorrem. Dessa forma, ocupavam uma posição ambígua em Jurerê Internacional. O mesmo ocorria com os frequentadores das festas, que, se eram bem vistos pelos donos das *baladas* e pela Habitasul, eram apontados pelos moradores como *outsiders* que ‘vinham estragar a paz do bairro’. É necessário compreender essas ambiguidades, conflitos e contradições contidas nos próprios valores, diversificados, do que seja estar em Jurerê Internacional. O espaço se apresenta então, como uma confluência de variadas concepções, compartilhadas ou não pelos segmentos das elites que ajudam a constituir o lugar tal qual como é hoje. As tensões e ambiguidades apontadas por minha etnografia permitem uma aproximação com as observações de Patriota de Moura (2012).

Se os condomínios horizontais são realizações de projetos individuais e coletivos que organizam e dão direção, de forma mais ou menos inovadora, a conjuntos de símbolos existentes no ambiente sócio-cultural da cidade, país e mundo das sociedades complexas moderno-contemporâneas, eles são também espaços que, uma vez criados, constroem novas fronteiras simbólicas que delimitam grupos sociais e se expressam através de variações de um *ethos* e um *estilo de vida* específico (Geertz 1989; Velho 1998). (Patriota De Moura 2012: 74).

Essa oposição de parte dos moradores de Jurerê às festas promovidas no bairro não é

recente. Exemplo disso é a ação protocolada pela AJIN na justiça federal em 2008, com o propósito de retirar os *beach clubs* de Jurerê Internacional, com base na legislação ambiental. Na ação, inicialmente constavam como réus os seguintes órgãos: Prefeitura Municipal, Ibama e Floram (Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis). Por ordem do juiz da 6ª Vara de Meio Ambiente da Justiça Federal, a Habitasul (proprietária dos espaços onde estão os *beach clubs*) também foi apontada como ré no processo. Atualmente a AJIN conta com o apoio do Ministério Público Federal. Após a adesão do MPF a associação contratou um perito que, através de relatório técnico, apontou as irregularidades dos *beach clubs*, que estão, segundo o estudo que foi anexado ao processo, em área de proteção permanente (APP). A audiência de leitura da sentença estava marcada para o dia 13 de dezembro de 2013, poucos dias antes da tradicional festa de *reveillon* organizada pelos *beach clubs*, porém, a Habitasul conseguiu, através de seus advogados, o adiamento da decisão. Após esse ato, em 19 de dezembro a associação de moradores fez um pedido liminar para o fechamento dos *beach clubs*, que foi concedido pelo juiz do TRF (Tribunal Regional Federal). No entanto, a Habitasul conseguiu suspender, também de forma liminar, a primeira liminar, conseguida pela AJIN. O presidente da associação explicou: “Então uma liminar suspendeu outra entendeu? Isso vai ser julgado ainda. Só que o *reveillon* já passou, a bagunça já foi feita, e a gente juntou mais provas aos autos, do que acontece. E o verão todo está acontecendo, e tudo o mais”.

Após esse episódio, o conselho deliberativo da AJIN emitiu no dia 31 de dezembro uma moção de apoio aos atos da diretoria, o que contribuiu para o desligamento da Habitasul como um dos associados. Uma moradora destaca a intensificação do problema que, há mais de cinco anos, motivou o ajuizamento da ação. “Acho que em 2008 não tinha tanta prostituição e tráfico de drogas em Jurerê Internacional, né? Tomara que o TRF [Tribunal Regional Federal] mantenha a decisão porque ninguém aguenta mais conviver com

a verdadeira zona formada por esses bares". Já o gestor da Habitasul elucida o aspecto de continuidade do *empreendimento*, de forma a justificar as mudanças ocorridas no espaço:

As 32 primeiras pessoas que vieram para cá, compraram e construíram as primeiras 32 casas no início do loteamento, em 1983. Qual era o perfil desses compradores? Dessas famílias? [...] Nesses 32 iniciais a maior parte eram profissionais liberais, empresários, alguns funcionários públicos¹², da justiça... e todos eles, grosso modo, tinham filhos pequenos. Filhos esses que na medida em que foram crescendo, as suas demandas por lazer foram aumentando. Então no início, aquilo que era legal, ir à praia, ficar na praia brincando [...] começou a ficar pouco, ou foi ultrapassado, dentro da questão desse núcleo inicial, a tal ponto que em 1994, ou seja, 12 anos depois, eu era diretor aqui, morava aqui em Jurerê, recebi uma comissão, um grupo de pais que vieram me procurar e dizer: 'ó, estamos preocupados, que os nossos filhos não querem mais vir pra cá, porque aqui não tem diversão para eles'. E os pais disseram: 'e nos preocupa isso porque nós não queremos que nossos filhos, quando nós viermos para cá vernear, peguem a estrada'. [...] Então a partir daí, em 1995, 96, nós trouxemos para cá a Ibiza, que era na época, a principal casa noturna do litoral do Rio Grande do Sul, que se instalou aqui no Jurerê Praia Club [hoje, *Jurerê Sport Center*] e operou durante uma temporada, foi um teste que foi feito, e aí foi um sucesso tão grande, tão grande, que gerou um problema: a cidade toda veio para cá. E aí nós tínhamos feito uma combinação com os operadores que seria um teste e que caso desse certo nós iríamos então construir outro equipamento para eles, e acabamos construindo, o que hoje é ali o *Devassa on Stage*. Então de alguma maneira, desde o início do *empreendimento* a questão do lazer está ligada à questão de morar em Jurerê.

O discurso do diretor da loteadora, ao passo em que enfatiza a continuidade, também realça a inovação. O *empreendimento* é descrito como algo profundamente inovador em sua época (lazer para todas as idades, local diferenciado, referências internacionais), mas a partir daí há continuidade; as transformações são decorrências de sua trajetória (o ciclo de vida das famílias) ou de processos situados aquém ou além (o crescimento demográfico, mudanças sociais e culturais).

O fato de não encontrarmos relações totalmente ordenadas dentro de Jurerê Internacional, no que se refere a lazer e moradia, bem como as visões e anseios de moradores, frequentadores e empreendedores, não inibe a crença em uma ordem por parte desses atores sociais. Muito dessa crença surge pelo compartilhamento de projetos e símbolos, que agregam sentimentos e significados. Como exemplo, cito a importância do ideal de 'diferenciado' e 'elite' para o imaginário de quem mora e frequenta Jurerê Internacional. Em Jurerê Internacional, não se trata apenas de estabelecer certas fronteiras e distinções, mas também, no mesmo movimento, de buscar associações e relações com certos estilos de vida e certos lugares (seja aqueles com que se entra em contato diretamente, seja com imagens e narrativas que circulam sobre eles). Desse modo, em vez de partir da ideia de separação/segregação – e de tomar as fronteiras como mais ou menos estanques –, a etnografia buscou identificar e traçar relações, pois se limites e fronteiras separam, eles também conectam. Dessa forma, Jurerê é percebido e produzido no espaço urbano articulando variadas dimensões, complexidades e socialidades, seja em relação a cidade ou na interação dos atores uns com os outros, com as festas, com o bairro e com Florianópolis.

Um exemplo disso são os conflitos e contradições encontrados em Jurerê Internacional, que deixam claro as diferentes perspectivas que são marcadas por instabilidade e elementos que se recombinam diversas vezes, redimensionando as referências dos moradores, que afirmam que as *baladas* têm cada dia mais descaracterizado o bairro, que deveria ser um lugar calmo, e a perspectiva dos empreendedores, que afirmam que o loteamento nasceu com a ideia de aliar os elementos de descanso, moradia e lazer. O bairro então, ainda que apresente moradores e frequentadores com características sócio-econômicas e referências parecidas - entre outras, a diferenciação como um valor –, não é um mundo homogêneo e estanque, que pressuporia um grupo com existência estável, definida e estruturada. Na perspectiva da empreendedora, embora

Jurerê esteja relativamente distante do centro de Florianópolis, o que se enfatiza não é a separação, mas uma conexão que coloca Jurerê Internacional como um centro do qual emanam benefícios e atrativos para toda a cidade. No entanto, como o discurso do gestor da Habitasul demonstra, o *empreendimento*, que serve como um espaço que congrega moradia e lazer de qualidade, não se desconecta da cidade, como fica claro em sua fala, que exalta as melhorias que Jurerê Internacional acabou propiciando para Jurerê Tradicional.

Hoje, em 2014, é capaz de alguém distraído não perceber onde começa e termina Jurerê Internacional e Jurerê Tradicional. Mas em 1982 quando começaram as obras de urbanização aqui, lá não tinha nada. Lá tinha um nucleozinho inicial lá no final da SC 402, e nenhuma das ruas era pavimentada. Não tinha rede de água, não tinha rede de esgoto, e em alguns lugares nem rede de energia elétrica. Então assim, o que diferenciou Jurerê Internacional do Jurerê antigo, do Jurerê Nacional, o Cacau [*colunista social*] até andou botando aí do Jurerê pobre, começam aí as elucubrações, no início foi a infra-estrutura urbana. E que hoje, pavimentação: está praticamente tudo pavimentado lá. Pode até se questionar que a qualidade da pavimentação é pior, mas está pavimentada. E quem batalhou para que isso acontecesse foi a Habitasul. [...] Então a diferença que existia na questão da infra-estrutura era muito grande. E depois a Casan veio e botou água, e depois a Casan veio e botou as redes de esgoto. Redes de esgotos essas que estão prontas há mais de 10 anos, e que só agora parece que vão conseguir ligar em uma estação de tratamento de esgoto, que é a estação lá de Canasvieiras.

Ele evidencia a infra-estrutura, aliada à 'batalha da Habitasul', como o elemento que propiciou que Jurerê Internacional e Jurerê Tradicional se tornassem muito semelhantes, e ao mesmo tempo, diferentes do restante da cidade, no decorrer dos anos, desde que o *empreendimento* nasceu. Se idealmente a fronteira entre as atribuições e ações do Estado e de agentes privados é nítida e estável, as duas esferas se imbricam em vários momentos. Um exemplo disso é o SAE – Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto – criado e gerido pela Habitasul, e o responsável por levar água e sa-

neamento à população de Jurerê Internacional. Já o bairro de Jurerê Tradicional tem sua água administrada pela prestadora de serviço público Casan – Companhia Catarinense de Águas e Saneamento. Sobre o SAE, o diretor da Habitasul afirma:

O nosso sistema de água aqui é operado pela Habitasul. Porque lá em 1980 quando o *empreendimento* foi aprovado, a prefeitura aprovou e a Casan aprovou, que é a concessionária do serviço público, mas com uma ressalva, dizendo assim: 'está aprovado, o sistema de água está bem dimensionado, etc. mas quem tem que resolver o problema ou quem tem que operar isso são vocês, porque nós não temos condições de fazer'. Então a Habitasul montou um sistema de água e esgoto, uma estação de tratamento de água com captação, montou uma estação de tratamento de esgoto, e opera isso aí há 30 anos, sem nunca ter faltado água.

O imbricamento entre o estatal e o não-estatal produz conflitos¹³ e gera acusações tanto ao poder público quanto ao empreendedor privado – cujos limites, aliás, são pouco claros. Nesse sentido, o Presidente da AJIN critica a atuação da Habitasul quanto à gestão do SAE.

Eles fornecem a água, de forma irregular também, porque essa concessão de água não houve licitação para isso. [...] Como isso daí é exploração de um serviço público, deveria ter sido feito concessão. Como

¹³Não posso deixar de dizer que o período de realização da pesquisa coincidiu com o agravamento do conflito entre a associação de moradores do bairro e a Habitasul, em relação aos *beach clubs* (com a iminência da decisão judicial sobre o caso), e que essa situação está sempre de algum modo presente nas falas de meus interlocutores, de forma mais ou menos direta. Até certo ponto, os depoimentos de atores institucionais registrados durante a pesquisa (os diretores da Habitasul e da AJIN) constituem uma troca de acusações por intermédio da pesquisadora, que obviamente não teria como evitar que isso acontecesse. É de Schuch, 2010: 36 que vem a sugestão: "[...] encarar as tensões e poder entendê-las como parte do trabalho antropológico em suas dimensões epistemológicas e analíticas: ou seja, as tensões como fontes de conhecimento acerca dos grupos e instituições que estudamos e as tensões como instrumentos de conhecimento sobre o exercício da antropologia e seus limites. Em suma, acredito que as tensões podem ser vistas como uma agência para o conhecimento".

a Casan, que é a estadual aqui é ruim de serviço, então... conhece aquela história? Já que não tem o poder público, o privado acaba assumindo. E o SAE dá muito dinheiro. Hoje eles gastam 50% e o outro 50% é lucro. [...] A prefeitura não pode fazer nada. O que ela vai fazer? Ela vai dizer: 'desliga o SAE', e aí nós ficamos sem água e esgoto. [...] A Habitasul é uma empresa que está explorando pra ganhar dinheiro. Ela não tem competência nenhuma. [...] Ela tem licença praquilo? Não, ela não tem concessão pra operar aquilo, tá? [...] Só que o Estado é tão ruim pra fazer esse tipo de serviço, que não consegue nem fazer o que é dele, ele vai pegar o dos outros? Entendeu? E a gente ali fica numa situação de refém, porque quem tem Casan hoje fica sem água no verão, quem tem a Habitasul tem água no verão, entendeu como é que é? [...] então aí é o ponto forte que tem desse 'serviço' da Habitasul.

Nesse caso específico, na impossibilidade de criticar o abastecimento de água provido pela Habitasul, afinal, Jurerê Internacional esteve até então imune aos problemas de falta de água no verão em Florianópolis, levantam-se suspeitas sobre o contrato de concessão e o uso de recursos naturais. Tanto a fala do diretor da Habitasul quanto a do presidente da AJIN, ainda que controversas, apontam a indistinção dos limites entre o estatal e o não-estatal em Jurerê Internacional, com efeitos ora percebidos como positivos, ora negativos. Mas o caráter 'diferenciado' de Jurerê Internacional – uma ideia compartilhada amplamente pelos empreendedores, residentes e visitantes – também depende dessa indistinção, que permite o acesso a serviços que, em outras regiões da cidade, são supridos de modo insatisfatório, embora a diferenciação do bairro não se apoie exclusivamente nisso.

A “perpetuação do conceito” é o que continua sustentando, ao longo do tempo, a expansão e os lucros de um *empreendimento* “diferenciado”. Mas é também um dos principais focos de divergências com a associação de moradores que, além de reinvidicar para si o mérito da manutenção e embelezamento do bairro, questiona a própria legitimidade das intervenções da loteadora, que pretendia assumir indevidamente prerrogativas da associação e do próprio poder público. Dito de ou-

tro modo, se a indistinção entre o privado e o público pode ser percebida como positiva em alguns momentos, sobretudo quando parece favorecer a autonomia dos agentes privados, ela também alimenta conflitos em situações em que a autonomia de diferentes agentes privados entra em rota de colisão. Segundo um dos diretores da AJIN,

Quem deixa Jurerê bonito é a Associação. [...] A prefeitura delegou pra nós, pra nós fazermos. [...] Nós temos um convênio com a prefeitura pra nós fazermos isso. [...] A Habitasul, ela não acha que ela é uma prefeitura, ela tem certeza. Então se você perguntar pra ela o que é Jurerê Internacional, no entendimento da Habitasul ela vai dizer: 'foi um local que nós idealizamos, e nós criamos. Jurerê Internacional é nosso'. Po, mas não é nosso, ela vendeu o lote pra mim. Ela vendeu o lote pro meu vizinho. Se você pegar ali na minha rua, cada lote ali tem um dono. O que a Habitasul tem de dono ali? Não tem mais nada.

Ainda que a responsabilidade pela manutenção e fiscalização de Jurerê Internacional seja de responsabilidade da prefeitura municipal de Florianópolis, o gestor da Habitasul aponta as ações de manutenção da empreendedora como um 'diferencial de Jurerê Internacional', quando relaciona certo associativismo, ou, em suas palavras, “além de comprar um terreno, o morador está comprando um sonho, e está brigando por esse sonho”. Esse apelo da “briga pelo sonho” e “perpetuação do conceito *diferenciado*”, em sua concepção, justifica as fiscalizações e manutenções feitas pela loteadora, como por exemplo, a criação da associação de moradores, para além do poder público. Em síntese, o ideal – compartilhado por todos, embora não pelas mesmas razões - de “manutenção do diferencial de Jurerê Internacional” é também um foco permanente de conflitos e acusações.

Nesse sentido, o que deveria ser um espaço de prestígio e igualdade, já que a diferença é remetida para o exterior, mostra-se ambíguo e, em certa medida, desordenado, com distintas visões acerca do que seja morar (ou fazer negócios) em Jurerê Internacional. Se pode ser visto como um local calmo, longe do caos da região central, e que congrega as

esferas de moradia, turismo e lazer, a visão do “paraíso” vislumbrada pelos empreendedores não é necessariamente aceita por todos os moradores.

AJIN e Habitasul divergem sobre quem tem legitimidade de estabelecer normas e ordenamentos, espaços e práticas. Nesse contexto, se pode compreender que uns e outros apontam o que seria uma ausência ou incapacidade do poder público de prover condições adequadas e desejadas e é exatamente essa impossibilidade que produz um espaço de autonomia tanto para loteadora quanto para associação, que passam a produzir normatizações próprias. É possível perceber que alguns serviços oferecidos, bem como a beleza e a organização do espaço, juntamente com o saneamento diferente do resto da cidade, produzem e sustentam as diferenças do bairro. No entanto, um padrão de serviços que mantenha a distinção de Jurerê Internacional não é tarefa que o poder público possa ou deva cumprir. Todavia, quando a disputa entre os dois agentes (Habitasul e AJIN) se exacerba, acentuada pelo conflito que a manutenção das baladas no bairro proporciona, é exatamente ao poder público (judiciário) que se recorre, e o dano ambiental¹⁴ se constitui em um argumento eficaz.

A Habitasul nesse contexto, mostra-se como mais que uma incorporadora, pois detém não apenas o controle do mercado imobiliário local e de certas disposições que devem ser seguidas pelas construções, mas também da hotelaria e algumas regras públicas. Enquanto a empresa enfatiza recorrentemente a diversidade de Jurerê Internacional no que concerne ao lazer, também utiliza a continuidade ao projeto inicial, que por ser autêntica e original não necessita ser justificada, para legitimar algumas ações, como a abertura dos

beach clubs em um lugar inicialmente focado na moradia familiar. Jurerê Internacional não se constitui em uma ilha, tampouco em um espaço segregado ou marcado pela ausência do Estado. O bairro reúne conjuntos, tensões e alianças, alternadamente, e é necessário compreender Jurerê nessas condições.

¹⁴O argumento de que as *baladas* de Jurerê Internacional estão dispostas em área de preservação permanente (APP) foi o que possibilitou à AJIN o ajuizamento da ação contra a Habitasul, com o pedido de fechamento dos *beach clubs*. Até outubro de 2014, o processo judicial encontrava-se ainda em tramitação na 6ª Vara de Meio Ambiente da Justiça Federal de Florianópolis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. 2000. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina. 2012. *Condomínios no Brasil central: expansão urbana e antropologia*. Brasília: Letras Livres.

SCHUCH, Patrice. 2010. "Antropologia com grupos up, ética e pesquisa". In: P. Schuch; M. S. Vieira; R. Peters (orgs). *Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

SITES CONSULTADOS:

AJIN. <http://www.ajin.org.br>.

FLORIPA AMANHÃ. <http://floripaamanha.org.br>

HABITASUL. <http://www.habitasul.com.br>

IBGE CIDADES. <http://www.cidades.ibge.gov.br>

JURERÉ INTERNACIONAL. <http://www.jurere.com.br>

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. <http://www.pmf.sc.gov.br>